

**E. M. de Melo e Castro**  
**Sínteses**  
**(Galeria QUADRUM, Lisboa)**

Esta Exposição reúne trabalhos de 1961 a 1978 organizados sincronicamente em sete secções, como se dum panorama/resumo se tratasse.

Resumo de uma produção, pois que se expõem apenas os objectos que considero mais significativos dentro da definição de cada secção, de entre os que foi possível reunir (já que muitos outros originais se perderam).

Panorama de uma actividade que não se exerceu separadamente da minha produção como escritor, pois que ambas são rigorosamente contemporâneas, não sendo possível sequer discernir períodos de marcada preponderância de uma sobre a outra.

De facto não sei muito bem onde se encontra, para mim, o limite entre a escrita e a não-escrita; ou entre a produção visual e/ou gráfica e a que por palavras só se escreve e se publica em livros; ou sequer se esse limite é possível de marcar, mesmo sinuosamente; ou se afinal só a escrita existe.

Parece-me bem que sim! Hoje creio que só a escrita existe, já que tudo o que nos rodeia, já que tudo o que sai das mãos de um homem é um sinal de *qualquer coisa* e como tal pode ser lido/entendido.

No entanto é ainda necessário referir que se é em termos de comunicação visual que realizo a escrita da poesia-escrita, é reciprocamente em termos conceptuais que desde 1961 concebo a comunicação visual através de objectos (bi ou tridimensionais).

objectos-escrita  
escrita de objectos

objectos-poema  
poemas-objecto

termos de uma comparação que se propõe; comparação que pelas diferenças entre os termos se afirma como operação característica da actividade criativa.

E se nas comparações simples os termos comparados devem estar presentes um perante o outro, a criatividade, essa, surge preferencialmente nas comparações não explícitas ou quando um dos termos não está presente, ou melhor, quando é conceptual.

Assim, em sucessivas gradações se criam os índices, os ícones, os sinais e os símbolos e se produzem, numa perspectiva construtivista, objectos-escrita para serem lidos.

Lidos em si próprios, nas suas leis de construção: lidos no(s) contexto(s) em que estão colocados e/ou de que fazem parte estrutural.

Que ler é usar e entender; e entender será estabelecer ligações novas (re-novas?) entre ou para além desses sinais/símbolos percebidos.

A minha pequena teoria-prática da leitura é pois esta: começa na procura comparativa das diferenças; prossegue na redescoberta das leis de funcionamento interno dos objectos escritos; alarga-se no estabelecimento de relações entre os objectos lidos e os seus vários contextos.

À(s) síntese(s) destas várias operações atrevo-me a chamar-lhe(s): significado(s).

Mesmo que as coisas não se passem assim tão esquematicamente, aqui ficam algumas pistas para as leituras desta exposição.

— Mas há mais sínteses.

E.M. de Melo e Castro  
1978